

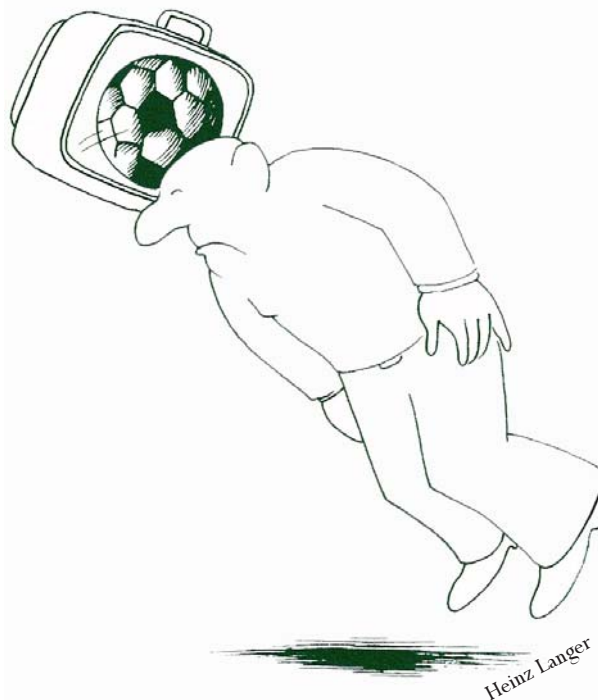
## Com a bolha toda!

Ao idealizar esta quarta edição do Plástico Bolha, uma pergunta volta e meia aparecia: quem, em plena Copa do Mundo, iria tirar os olhos de suas TVs para dar atenção a um jornal de literatura? Bem, se você chegou até aqui, é sinal de que estávamos errados ou de que o querido leitor faz parte daquela mínima parcela que foge do alegre tumulto verde-amarelo de quatro em quatro anos.

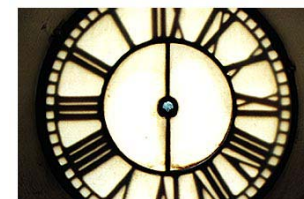
Se o tempo é de festejar, Plástico Bolha não deixa de ter muitos motivos para isso. O principal deles é a parceria com a MPB FM, que estabelecemos a partir deste número. A primeira boa-nova é que em breve ganharemos uma homepage, hospedada no site da rádio. Outra novidade é que, a partir desta edição, qualquer estudante poderá mandar seus textos para nós. Ou seja: se você é de outro curso da PUC, ou faz Letras em outra universidade, acabou a desculpa: está na hora de colocar a mão na massa e aproveitar este espaço para divulgar sua produção.

Nosso quarto número chega com uma de nossas melhores safras de textos e um maior número de contos, a pedido dos leitores. A entrevistada do mês é a tradutora Lia Wyler, responsável por toda a série de livros de Harry Potter, um dos maiores sucessos editoriais dos últimos tempos. Ela fala sobre a atividade do tradutor no Brasil e aconselha os futuros profissionais da área. Além disso, a professora Rosana Khol Bines assina um emocionante *Aos alunos com carinho* e Gregório Duvivier dá uma receita pra lá de subjetiva. Não deixe de conferir e de enviar seus textos e comentários para o nosso novo e-mail: [jornalplasticobolha@gmail.com](mailto:jornalplasticobolha@gmail.com).

Boa leitura!



### Anacronia



#### Tentativas de controlar o tempo

I tentativa - Emoldurá-lo

Primeiro passo – pincel  
O segundo – um pedaço  
Pedaço de um minuto  
Diminuto e esparso  
Terceiro – violência e traço  
Emoldurar o instante  
Espasmo da pretensão  
Tornar o tempo espaço.

II tentativa- Impor-lhe rédeas

Focinheiras em equinos  
Muitas rédeas para Cérbero  
Punhos fortes em destinos  
Chicotear o acaso  
Obter dissimulado  
Respeito, dissimulado  
Viver sobre iminência  
De impossíveis fracassos  
Inesperar cavaleiros  
Do apocalipse póstumo

Dupla escatologia

III tentativa – Sedá-lo

Fortes doses para tristes  
Futuros irremediáveis  
E mitigados passados  
Doses contra frenesi  
Em seringas de torpor  
Violentamente ninar  
Posterizar o despertar  
De uma hora lapidar

Inconclusão

Tempo Tempo Tempo Tempo  
Ante seus furtivos passos  
E esquiva imortalidade  
Seus mais sórdidos truques  
Tornam-se as esperanças.

Luiz Coelho (Letras - PUC)

#### My Realm

*I'm the king of a realm which is so far away  
From my castle I gaze at this land in decay  
It's not big, neither small, it just suits what I need  
But now I realize that my realm won't succeed*

*I've done all I can trying to protect my land  
I've conjured the beasts that no man could stand  
I've summoned great warriors to keep you all out  
And I've raised these walls which I can't live without*

*You can't see my realm 'cause the gates are all sealed  
They're always locked, keeping my home unrevealed  
And through these walls even light cannot shine  
So I stay in the dark, holding close to what's mine*

*If you'd walk through the streets of this living-dead place  
You wouldn't see anything, not a single face  
And here, in the desert, just one man stands alone  
In the highest tower, just a fool in his throne*

André Sigaud (Letras - PUC)

#### Hímen

*Como que por terra cada paralelepípedo  
Cada par de bota em rasa afronta  
Cada arraso de chã se delira  
Como que por terra se desmonta*

*Como que por auto se implica santa  
Cada par de bota no solo se tinha  
Cada naco de toco de pedra unguenta  
Como que por seco se define*

*Como que por lápide dilata fronte  
Cada pétala ao semblante inferida  
Cada naco de toco de linha no horizonte  
Como que estancada fronte ferida*

*Como que por vida se apregoa sorte  
Cada espesso sêmen se urina  
Como que por vista o retornar da morte  
Como cada broto de lágrima à retina.*

Lázaro Cassar (Letras - UFRJ)

## Aos alunos com carinho

Para quem faz da leitura um ofício diário, o título de qualquer coisa jamais passa despercebido. Afinal, é o primeiro significante estampado no texto e um lugar inaugural de produção de sentidos. Lemos já a partir do título, construindo enredos imaginários que o virar das páginas irá comprovar ou desdizer. O prazer do texto está muitas vezes associado à fricção desta história inventada com os percursos de leitura que o próprio texto nos vai sugerindo. Seja porque a narrativa confirma nossas projeções de sentido, seja porque, ao contrário, as frustra. Afinal, o que faz a delícia dos contos de fada é oferecer ao leitor exatamente o final feliz que ele espera, ao passo que a satisfação do leitor de uma boa trama policial é comprovar que estava absolutamente equivocado em suas previsões. Quem é o culpado? Se o leitor descobre a resposta antes do momento em que o autor escolhe revelá-la, não se sente recompensado. A recompensa está em perceber que foi enganado pelas artimanhas do autor, que soube habilmente desviar a atenção do leitor para tramas e cenários paralelos, de forma que o crime fosse cometido longe do seu olhar vigilante. Acho que Umberto Eco aprovaria a máxima de que o leitor é feliz quando se torna voluntariamente uma vítima do texto.

Posso afirmar, sem sombra de dúvida, que fui vítima do título que dá nome a esta coluna - "Aos alunos, com carinho". Esta singela expressão, que deveria guiar-me sem demora até o computador para escrever uma mensagem dirigida a você, aluno-leitor, acabou me empurrando, por processos associativos, até a locadora de vídeo do Cineclubes Estação Botafogo, em busca do legendário filme "Ao mestre, com carinho". O ator negro Sidney Poitier está imbatível no papel-título do jovem professor que enfrenta o preconceito de alunos indisciplinados em uma escola no bairro operário de *East End*, em Londres, nos anos 60. Com um misto de rigor e afeto, sem jamais ceder à popularidade fácil, o professor vai quebrando devagar as resistências, para fazer da sala de aula um espaço onde a vida acontece de forma arriscada, porque lá estão todos expostos à ignorância e à dúvida que estão na base de todo o projeto de conhecimento. De forma generosa, o roteiro dá oportunidade para que cada um dos seus personagens pise na bola ao menos uma vez e também avance um passo na direção da auto-avaliação e do amadurecimento. O filme é uma *Aula*, no sentido que Barthes dá ao termo: situação de luta dos discursos, deslocamento permanente de papéis, cena que faz girar os saberes. Estar em *aula* com vocês, queridos alunos, compartilhando leituras num jogo de inteligência e afeto, é ainda melhor do que assistir a um filme antigo com Sidney Poitier.

**Rosana Khol Bines**

Professora de estudos da literatura

## Débora e Marcos

Débora está à procura do amor de sua vida. Ela é a típica pessoa organizada que faz compras mensalmente e leva ao supermercado a lista de compras impressa no computador.

Marcos também procura a mulher ideal, mas não vai muito ao supermercado. Ele frequenta mais as lojas de conveniências de postos de gasolina e farmácias no interior de shopping centers. Porém ao ver o anúncio na TV do mais novo cereal matinal, resolveu se locomover até o supermercado para adquirir a novidade.

Ele estacionou no B2. Ela preferiu não confiar no bom tempo e estacionou nas vagas do subsolo.

Débora, experiente, tem seu próprio roteiro de compras: vai direto às seções desejadas, sem nunca dar um passo além do necessário. Marcos, mais perdido do que nunca, não sabe diferenciar a seção de jardinagem da seção dos refrigerados.

Foi então que o imprevisível aconteceu, bem na seção de material de limpeza. Débora estava procurando sua marca de amaciante, quando Marcos, vindo do vão central, entrou no mesmo corredor. Ele andava com pressa, cansado daquele labirinto. Ela procurava com atenção. E a cada minuto os dois se aproximavam mais.

Naquele instante de segundo os planetas de uma galáxia desconhecida se alinharam, sete mil pessoas falaram a palavra "sim" ao mesmo tempo, um urso panda nasceu em um laboratório na China e Marcos passou por traz de Débora quando esta se abaixou para pegar o amaciante.

Os dois ficaram a uma distância de apenas 75 cm e nunca mais se viram. Débora morreu em um acidente de carro 17 anos depois, e Marcos morreu de câncer aos 73 anos, sem nunca saberem que tinham nascido um para o outro.

Talvez se os supermercados não botassem as marcas mais conhecidas nas prateleiras mais baixas, tudo tivesse sido diferente. Ou, então, se o amaciante tivesse escorregado das mãos de Débora, acarretando assim um encontro. Mas Débora malhava e tinha pulso firme. Ainda se o chão estivesse úmido e Marcos tivesse escorregado. Mas o ar condicionado estava forte e secava rapidamente a umidade do piso recém lavado. Porém, não é de possibilidades que a vida é feita.

Lucas Viriato  
(Letras - PUC)

## Subjetivas por Gregório Durviver

### Receita para um dálmata



Pegue um papel, ou uma parede, ou algo que seja quase branco e bem vazio. Amasse-o até que tome forma de um animal: focinho, corpo, patas.

Em cada pata ponha muitas unhas e em sua boca muitos dentes. (Caso queira, pinte o focinho de qualquer cor que pareça rosa). Atrás, na bunda,

ponha um fiapo nervoso: será seu rabo. Pronto. Ou quase: deixe-o lá fora e espere chover nanquim. Agora

dê grama ao bicho. Se ele rejeitar, é dálmata. Se comer (e mugir), é uma vaca que tens. Tente outra vez.

## Solidão

Uma porta fechada  
janela quebrada  
um copo com suja limonada  
outro com o visível nada  
uma poesia inacabada  
carta não enviada  
duas meias jogadas  
tela mal pintada  
poeira assoprada  
vassoura encostada  
uma pizza congelada  
fome abandonada  
colcha amassada  
a cama desarrumada  
uma varanda bagunçada  
folha de jornal recortada  
agenda jogada  
foto rasgada  
a vida amarelada  
uma rima destruída  
solidã o.

Milene Portela  
(Letras - PUC)

## plástico bolha

produzido pelos alunos da  
graduação de Letras da PUC-Rio

### Editor

Lucas Viriato

### Editora Assistente

Marilena Moraes

### Redator

Pedro Neves

### Fotógrafa

Márcia Brito

### Tesoureiro

André Sigaud

### Revisão

Rubiane Valério

### Distribuição

Luiza Vilela

### Conselho Editorial

Paloma Espínola; Luiz Coelho; Sueli Rios; Camila Justino; Isabel Diegues; Paola Ghetti; Chiara Di Axox; Julia Barbosa; Mauro Rebello

### Colaboradores

Marilena Moraes, Wesley Carneiro, Luiza Vilela, Henrique Meirelles, Lua Blanco, Marcelo Tapajoz, Pedro Rajão, André Sigaud, Julia Barbosa

Envie seus textos para:  
jornalplasticobolha@gmail.com

## Entrevista

# Uma atividade imaginativa

Tradutora da bem-sucedida série Harry Potter, Lia Wyler revela detalhes de seu ofício

Curiosidade. Esta deve ser a maior virtude de um tradutor. O conselho é dado por Lia Wyler, um dos nomes mais interessados pelo assunto no país. Além de assinar a tradução de toda a série Harry Potter, ela também publicou “Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil”, em que estuda a contribuição da tradução para a cultura brasileira. Nesta entrevista exclusiva, Lia fala sobre a profissão e dá conselhos para os estudantes da área.

- Qual deve ser a maior qualidade de um tradutor? Que características deve ter um jovem que se interessa pela profissão?

Acho que a característica mais forte em um tradutor “que para muitos pode não ser uma qualidade” é a curiosidade por tudo e por todos, a pura fruição da vida em toda a sua complexidade, sem idéias preconcebidas. É desse acervo gradualmente acumulado desde a infância que o tradutor irá se socorrer quando estiver pesquisando e traduzindo. Traduzir não é apenas uma atividade técnica é primordialmente uma atividade imaginativa.

- Fale um pouco sobre as dificuldades de exercer este ofício no Brasil.

A maior dificuldade é a incompreensão abissal que cerca a tradução em nosso país, incompreensão de que partilham leitores, editores e outros clientes de traduções. Desde que elegemos um presidente da República que não se mete a falar línguas estrangeiras como seus antecessores, no entanto, a tradução começou a merecer as atenções da imprensa, o que já é um primeiro passo para o esclarecimento geral. Outra dificuldade é a inexistência de uma regulamentação para a profissão, ou seja, não há pré-requisitos para o exercício da profissão. Isso deixa o mercado aberto para gente estudiosa e gente malandra, uma vez que a clientela do tradutor não tem capacidade de discernir o que é bom e o que é mau em matéria de tradução. Uma terceira dificuldade é a falta de dicionários bilíngües atualizados e volumosos que se equiparem aos dicionários monolíngües brasileiros e estrangeiros, o que gera uma enorme perda de tempo em pesquisas e adivinhações - é, com o tempo, o tradutor se torna presciente.

- Como foi a experiência de traduzir a série “Harry Potter”? Há muita pressão (por parte da editora e dos fãs) por cada novo número?

Tem sido uma experiência diferente, porque fundamentalmente lúdica. Não é todo tradutor que tem autorização do autor para recriar os nomes que ele inventou, nem todo tradutor que pode afirmar que se diverte enquanto trabalha, que volta a ser criança. Eu gostaria, no entanto de ter sabido, desde o início, que seria uma série, gostaria de ter tido prazos maiores para trabalhar, de

não ser pressionada pelos detentores dos direitos autorais que transformaram a série em um empreendimento multimídia de amplitude mundial, estimulando uma absurda pressão dos fãs. Tenho sorte: os que me procuram são sempre muito simpáticos e Editora Rocco se encarrega dos reclamos que gritam ser erro de tradução toda palavra que desconhecem, como o que achou que eu devia ter escrito “barulho” em vez de “marulho”.

- Qual seria o seu número predileto da série infanto-juvenil?

Gosto muito do Prisioneiro de Azkaban.

- Existe um tipo de tradução mais trabalhosa?

Claro que existe. Há um número incrível de subgêneros de literatura de massa, por exemplo, cujos textos vão do mais elementar ao virtuosístico, momento em que a obra transita para a chamada literatura culta. Traduzir aquelas 3.500 palavras que a imprensa utiliza é rápido e indolor, traduzir um autor que enriquece seu texto com sucessivas imagens, por vezes absolutamente inéditas, é trabalho para muitas horas de reflexão.

- A senhora também trabalha (ou já trabalhou) com legendagem de filmes e programas?

Não, mas já trabalhei como intérprete consecutiva para um grupo de americanos que investiram em um programa beneficente e vieram ao Brasil pedir contas do dinheiro enviado. Não foi fácil cinturar as perguntas incisivas e as respostas evasivas.

- Fale, em linhas gerais, sobre a sua carreira e seu trabalho na PUC. Como se decidiu pela tradução?

Eu ainda sou do tempo em que ninguém decidia ser tradutor, as circunstâncias é que o empurravam nessa direção. O único curso de tradução que havia na década de setenta era o do prof. Daniel Brillante de Brito, que formou um grande número de excelentes tradutores. O candidato a tradutor só precisava dominar o português e uma língua estrangeira, o restante ele aprendia



traduzindo, cometendo seus erros e comemorando seus acertos. Já fiz traduções técnicas em várias áreas das ciências humanas e sociais. Hoje trabalho predominantemente para editoras, traduzindo livros de literatura culta e de massa, e ultimamente um grande número de livros para jovens. Formei-me em tradução pela PUC, após dez anos de atividade no mercado, fiz mestrado na Eco-UFRJ e cursei o doutorado na USP. Não tenho uma carreira docente, comecei tarde demais, mas uma vez por ano dou aulas de Ficção de Consumo no Curso de Especialização em Tradução aqui na PUC. Gosto muito de discutir e analisar traduções com meus colegas, presentes ou futuros, tanto que no restante do ano organizo em minha casa oficinas de tradução para um número restrito de participantes. Paixão mesmo tenho pela história da tradução no Brasil, mas é difícil conciliar a vida de tradutor, um profissional que ganha por produção, com a de pesquisador. Mesmo assim publiquei um livro *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* em que não conto piadas nem aponto erros de tradutores, falo do muito que a tradução tem contribuído para a cultura brasileira.

- A senhora gostaria de deixar algum recado para nossos leitores?

Eu acrescentaria para os que pensam se formar em tradução: quando forem escolher uma carreira, escolham uma com que tenham afinidade, da qual possam se desincumbir naturalmente, porque ao longo de qualquer carreira sempre haverá desafios que exigirão todo o seu esforço.

# ETTORE

## CUCINA ITALIANA

PÃES

PIZZAS

ANTIPASTOS

SALGADOS

MASSAS

DOCES

MOLHOS

TORTAS

Entregas na Gávea e Leblon  
sábados, domingos e feriados

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ

Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

Produção Textual

## Letras

Discurso

Poesia

Literatura

Formação de Escritor – 3 anos  
Formação de Tradutor – 4 anos  
Formação de Professor – 4 anos  
Português e Literatura  
Português e Inglês

Roteiro

Tradução

Leitura

Departamento de Letras – PUC-Rio  
(21) 3527-1444/1445/1447  
letgra@let.puc-rio.br  
www.lettras.puc-rio.br

## Impressões Dominicais

Pendida ao peito, morta e inerte, a cabeça de Cristo ainda agonizava. Não, não era seu corpo que doía: a carne se enrijecera, e o sangue esvaíra-se todo, indo empoçar os corredores da igreja. O que então o castigava?

Não sei... Talvez fosse a maldade de algum artista sem fé, ou talvez fosse a quentura do ambiente: *fazia um calor dos infernos!* Fato é que, fosse o que fosse, todos invejávamos sua condição – de defunto, isto é.

E ninguém a invejava mais do que o pobre celebrante. Em verdade, pois trazia mais de quarenta túnicas de grosso tecido, via-se claramente que desejava seguir todos os passos do Santíssimo até o Reino dos Céus.

Mas a Homília, ministrou-a com fervor! Se alguém cochilava - ou se fechava os olhos em contrição - não demorava ouvi-lo gritar. Com muita persistência, fazia-nos entender suas palavras enroladas. Em latim, no entanto, sua dicção era perfeita!

Falava de um tal asno de São Gregório, isso não se falhava notar. Sim, pois enunciava essas palavras aos berros: o nome do santo, que era uma citação, e o nome do animal, que era uma vocação, nem sempre proferida no singular.

Ah! Que interesse não tinha por nós! Durante o rito da Eucaristia, quando nos levantávamos dos bancos, mostrou grande preocupação pelo que achou ser a mais infeliz das criaturas: uma cristã, ainda moça, de pernas e quadris grandes, aos quais faltavam toda a simplicidade e proporção que se encontram nas mulheres mais vistas pelo templo: as viúvas e beatas.

Que comoção não despertava a coitadinha! Tinha o andar solto e desastrado; as carnes do corpo fugiam de seu centro e balançavam muito ao gosto do diabo. Acresce que trazia no colo a gravidade de duas orbes aristotélicas perfeitas; e isto, pesando-lhe os passos, dava-lhes o efeito de batidas às portas do Inferno.

Pronto. O diabo a seguiu. O celebrante esteve atento. De olhos bem abertos, encarou-o até que a moça retomasse seu lugar. Mas era tarde: o pecado já crescia, tal como um pãozinho no forno, ganhando forma e volume. E tudo ficou quente, insuportavelmente quente...

Depois disso não me lembro de mais coisa alguma. Creio que me ajoelhei e baixei a cabeça, posto fosse essa a posição em que me encontrei ao despertar. Nada de introspecção religiosa profunda. Nada disso. Quem já foi à igreja sabe... Não tem coisa pior do que se sentar naqueles banquinhos de madeira!

Rodrigo NC (Letras - PUC)

## *As Tintas de Juraíma*

Quando Juraíma nasceu,  
as folhas eram pingos de sol,  
as árvores eram pedras verdes  
e o azul se inventava nas praias.  
Em três dias Juraíma conheceu a terra vasta  
e a noite guardada nos oceanos.  
Ensinou o vento a correr,  
tatuou estrelas nas costas de Deus.  
Preguiçosa, sentou na beira de um rio.  
Bebeu água, deitou, dormiu.  
Então, os homens nasceram.  
Fizeram palavras, fizeram cidades.

Hoje, repetem antigos gestos.  
Quando repousam, Juraíma brinca com seus rostos:  
Pinta-os de tempo, num desenho sutil e infinito.  
Os homens despertam e nada percebem,  
enquanto ela ri, baixinho, na beira do rio.

Paloma Espínola (Letras - PUC)

## Esconderijo

Marisa enviuvava. Estava sozinha, ela e dois filhos para criar. Estava sozinha. Era só isso que conseguia pensar no enterro do marido. O marido a havia abandonado, para sempre. E ele fazia tudo, cuidava do dinheiro, da casa e dos filhos. Ela apenas observava e tricotava, mal falava, mal tinha autoridade e, agora, estava sozinha.

Como cuidaria de duas crianças? Nem tinha contado para elas da morte do pai. Não sabia como contar, não sabia o que fazer. Marisa era um fracasso, um fracasso como mulher, como esposa, como mãe: um completo fracasso. A cidade inteira sabia disso, todos a criticavam, com doses de inveja, mas na maioria das vezes com razão. Ela havia casado com o homem perfeito, ele fazia tudo, e a ela restava apenas observar e tricotar, observar e tricotar. Agora, ele estava morto e ela, sozinha.

O desastre já havia começado. Ela podia sentir pelos comentários gerais. Os erros dela jamais seriam perdoados. Primeiro erro, o enterro de caixão fechado. Ninguém entendeu e nem entenderia: fechado para as crianças não verem, fechado porque ela não queria que elas soubessem. Segundo erro, ela não estava de preto. Ela não tinha roupas pretas, não sabia o que usar e foi de azul-marinho. Terceiro erro, as crianças. As crianças brincavam durante o funeral. Enquanto o pai era enterrado, as crianças brincavam. Até o padre se revoltou com isso e disse a ela: “pelo amor de Deus, senhora, isso aqui não é lugar de crianças brincarem”, e ela apenas abaixou a cabeça. E, enquanto isso, os comentários a cortavam como farpas. Todos notaram, absolutamente todos, e ela jamais seria perdoada.

As crianças nunca paravam, nunca. Eram crianças e não sabiam da morte do pai. Corriam de um lado para o outro e os gritos e risadas da menina se faziam ouvir por todo o cemitério. Parecia que estava rindo dela. “Será que elas não vão parar nunca?”, era o que comentavam e eram também os pensamentos da mãe. Assim ela transferia suas responsabilidades maternas. Por alguns momentos, ela deixou de ter filhos, deixou de ser mãe e parou, simplesmente parou. Por alguns momentos, ela fechou os olhos e rezou.

Pedi muitas coisas, pedi para o marido, pedi para Deus. Ficou muito tempo rezando. Não exigia nada de si mesma, queria apenas que o destino, com o seu dedo mágico, consertasse tudo. Ela pediu, implorou para que as crianças parassem. Implorou por ajuda, por socorro, pelo marido. Nesse momento, a primeira lágrima correu pelos seus olhos.

Enquanto rezava, nada ouvia. Até que a cutucaram e ela despertou, como de um sonho; estava na hora de enterrar o corpo. Selaram o caixão e o corpo foi levado. Ela estava do lado, acompanhando e ainda rezando, sempre rezando. Todos falavam e choravam, e ela nada ouvia. Percebendo a solenidade do momento, as crianças pararam de brincar. Não se ouviam mais suas risadas e gritos. Apenas choro e desolação, um enorme coro de tristeza acompanhava o corpo do marido. Enquanto isso, Marisa rezava.

A reza era como o tricô, trouxe à Marisa paz. Paz pela vida desperdiçada, por tudo que deixou de fazer e viver, paz pela morte do marido, paz pelo casal de crianças bagunceiras. Mesmo sozinha, ela encontrou a paz.

O cortejo então parou e o padre fez as elegias. Muitas homenagens foram feitas ao marido de Marisa e ela nada ouviu. Falou-se de tudo o que fez, de todos que ajudou, da esposa, das crianças. Falou-se muito das crianças. O padre, citando Mateus, finalmente encerrou: “ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que lhe pedirem?”. E Marisa, ainda absorta, sempre rezando.

Depois, baixaram e enterraram o corpo. Marisa ainda rezava. Enquanto desciam o corpo, ela pensava: “por favor, Deus, não me abandone, não me deixe sozinha com dois filhos para criar, não me deixe sozinha”. E ela nem sabia das crianças, não sabia onde estavam ou se tinham ouvido as homenagens. O corpo foi enterrado e todos foram embora, exceto o padre. Ela estava, novamente, sozinha.

Marisa abriu os olhos e encontrou o filho. Lá estava ele, correndo de um lado para o outro. Ela o chamou, e ele não ouviu. Chamou de novo e ele ignorou. Ela quase começou a rezar novamente, mas conseguiu alcançá-lo e o puxou pelo braço: “onde está sua irmã?”. “Eu não sei”, respondeu ele.

A mãe ficou desesperada, o desastre continuava. Ela vasculhou o cemitério, com o filho pelo braço, gritando o nome da filha e não a encontrou. Perguntou para o padre e ele não sabia, mas talvez tivesse visto alguém a levar antes do enterro: “pensei que fosse a filha de outra pessoa”, disse o padre. E ela percebeu que estava realmente sozinha, não podia contar com ninguém.

Foi para casa e ligou para todos do enterro. Só conseguia pensar nos comentários sobre ela. Não pensava na morte do marido, nem no sumiço da filha, apenas no seu desastre e na sua solidão. Mas não importava, tinha que encontrar a filha, tinha que ser a mãe; não podia mais se esconder.

Marisa virou a noite ligando para todos na cidade. Ninguém sabia da filha, ninguém tinha visto. Marisa teorizou alguma conspiração, não era possível que a filha tivesse sumido do nada. “As pessoas simplesmente não somem”, dizia ela a todos. E ninguém sabia como responder, afinal, a culpa era dela, só dela.

Ela foi à polícia, que nada garantiu. Ela voltou ao padre, que nada acrescentou. Voltou ao cemitério e nada encontrou. Então, diante do túmulo do marido, ela chorou. Depois de uma semana do enterro e do sumiço da filha, ela chorou. Chorou todas as perdas. Chorou o marido, a filha e, sobretudo, a si mesma. A culpa era toda dela.

Voltando ao carro, onde o filho esperava, eles voltaram para casa. No caminho, o filho começou a falar com a mãe. Ela primeiro não ouviu, não se interessou, não prestou atenção. Só depois, notando a seriedade do discurso, ela pôde compreender as palavras do filho e o destino da filha: “mãe, nós estávamos brincando de pique-esconde, e ela disse que sabia qual seria o esconderijo perfeito”.

Paulo Gravina (Economia - PUC)